

Docentes criticam mudança em redação

Possibilidade de a prova perder o caráter classificatório é vista como uma influência negativa para a cultura

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

Waldemar Padovani/AE



Flutuações de julgamento

Maria Theresa Fraga Rocco: "Há correntes dentro da USP que torpedeiam a prova de redação"

A possibilidade de eliminar o caráter classificatório da prova de redação no vestibular da Fuvest está sendo condenada por diversos professores da Universidade de São Paulo (USP), de cursos preparatórios e de segundo grau. A proposta será analisada em maio pelo Conselho de Graduação da USP, segundo o pró-reitor Celso Beiseigel. Se a mudança for aprovada, a nota de redação não terá mais peso na composição da média final. Isto é, a prova será eliminatória (a nota mínima continuará sendo 3), mas não contará pontos para a classificação.

Os professores entendem que haverá desinteresse geral dos alunos no estudo para o aperfeiçoamento da expressão oral e escrita. As escolas de segundo grau, analisaram, também "relaxarão" no ensino da matéria. "É inadmissível abolir a nota de redação no cômputo da média", disse o presidente do Conselho de Graduação da Faculdade de Medicina da USP, Maurício Rocha e Silva. "Seria voltar ao tempo dos analfabetos completos na universidade e teria influência negativa sobre o ambiente cultural brasileiro", completou o professor.

Falência — Para o professor de redação do Curso Gauss, José Maria Scomparim, a medida equivaleria à "decretação da falência do ensino secundário" e para Tavares de Castro, do Curso Universitário, à invenção de um "novo milagre brasileiro". O vice-presidente da Associação das Escolas Particulares, Paulo Pan Chacon, achou a proposta lamentável. "É o efeito Itamar na Educação", comparou, lembrando que a USP foi a primeira a comprar a briga pela reintrodução da redação no vestibular em 77.

A professora Maria Theresa Fraga Rocco, da Faculdade de Educação da USP, negou que a desvalorização da nota de redação tenha obtido consenso na universidade, conforme informou na semana passada o coordenador de correção das provas da Fuvest, Waldir Ferreira. Segundo Maria Theresa, "há correntes dentro da

USP que freqüentemente torpedeiam a prova de redação, culpando-a por todas as possíveis distorções nos vestibulares". As distorções são atribuídas aos critérios subjetivos de correção dos textos.

A professora afirmou, no entanto, que flutuações de julgamento ocorrem em todas as provas. Ela sugeriu a adoção de critérios de correção cientificamente aceitos pela comunidade internacional para contornar o problema. "O grupo de corretores da Fuvest é competente, mas cada elemento pertence a uma corrente, por isso nem sempre há consenso nos critérios de avaliação", explicou. Para Maria Theresa, a eliminação do peso da redação "anularia de imediato a preocupação dos alunos com a produção de texto e eliminaria o trabalho sistemático das escolas com redação".

Melhora visível

Pesquisa mostra que vestibulandos melhoraram o padrão das redações nos últimos quatro anos

	1978/1980 Porcentuais verificados	1989/1992 Porcentuais estimados
Falta de coesão e coerência:		
■ uso indevido da conjunção	35	10
■ contradições	17	5
■ relações discordantes	28	5
■ impropriedades semânticas	51	15
Quebra de discurso	15,2	3
Uso de clichês e frases feitas (5 ocorrências)	69,9	39
Presença de linguagem criativa	2,7	1
Correspondência entre o tema proposto e o criado:		
■ falta total	14,6	5
■ falta parcial	36,9	20
Textos sem os problemas citados	10,7	40

Fonte: Maria Theresa Fraga Rocco, da Faculdade de Educação da USP

